

Darwin e Protágoras

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



A comparação dos vários mitos da criação, dos começos e do fim de muitas culturas diferentes deixa transparecer uma autêntica tentativa de explicar a natureza. Ao contrário do que se poderia supor, os mitos não tentam divinizá-la, mas sim, dentro das restrições impostas pelos limites do conhecimento da época, buscam interpretações compatíveis com a observação sistemática do ambiente. Os seres e eventos sobrenaturais constituiriam assim uma forma de preencher as lacunas daquilo que era inexplicável no momento em que foram imaginados. Nada muito distante dos modelos construídos pelos cientistas de hoje.

Quando analisados sob o ponto de vista geográfico-cultural, os mitos revelam uma nítida influência do ambiente no qual viveram os povos com os quais estão associados. Por exemplo, para os nórdicos da Islândia, o cenário da criação contém gelo, lava, fontes termais e outras manifestações típicas da região. Para os aborígenes da Austrália, a criação se deu em um panorama comum em certas regiões da Austrália central. Para os siberianos, tudo originou-se com muita lama e água, os elementos típicos das estepes. E assim por diante.

Muitos mitos narram a história da criação, apelando para singularidades cuja semelhança com hipóteses modernas é notável. Por exemplo, o mito egípcio da criação descreve o início assim: “Ao amanhecer do tempo, Re (ou Ra) deu a luz a si mesmo (semelhante ao modelo da criação e expansão do universo). O mito prossegue e menciona mais um detalhe interessante sobre o fim: “Apep (a serpente inimiga de Re) talvez um dia conseguirá devorar Re. Alguns acreditam que, então, o mundo terminará. Outros que Re ficará tão velho e cansado que vai esquecer quem é. E tudo o que ele criou se transformará em nada. Aí, talvez Re novamente dê a luz a si mesmo.” Podem-se ler aí muitos símbolos dos ciclos de formação e destruição, em uma analogia muito pertinente aos princípios termodinâmicos vigentes. O mito dos ungambikulas (mito aborígene) é também digno de nota. “Dois desses seres autocriados a partir do nada eram os ungambikulas. Vagando pelo mundo, encontraram pessoas feitas pela metade. Tinham sido criadas a partir de animais e plantas, mas não passavam de

montes informes jogados perto do local onde poços de água e lagos salgados podiam ser feitos... Cada homem ou mulher foi feito a partir de uma planta ou animal e cada pessoa deve fidelidade ao totem do animal ou planta do qual foram feitos.” Esse mito de grande simplicidade e poesia é uma síntese bastante realista da origem da vida e da evolução. Há aí muitas analogias com a química pré-biótica e também um conhecimento ecológico que impressiona.

Em seu contexto histórico, os mitos cumpriram então um papel nitidamente precursor da ciência. Esse padrão não passou despercebido pelos primeiros filósofos. Eles admitiam que os mitos e as religiões antigas gradualmente evoluíram, passando a incluir também os poderes que o homem conquistou, como o fogo, a agricultura etc. Finalmente, o pensamento humano progrediu para o racionalismo como maneira de in-

Em seu contexto histórico, os mitos cumpriram um papel precursor da ciência

terpretar os fenômenos físicos. Essa trajetória é mais ou menos descrita no modelo positivista proposto por Auguste Comte (1798-1857), que acrescentou como última etapa evolutiva o empirismo.

Mas há uma exceção notável nessa progressão. O naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882), autor de *A origem das espécies*, trilhou o caminho inverso. Ele termina sua primeira edição da seguinte maneira: “*Existe grandiosidade nessa visão (evolutiva) da vida que com todas as suas diversas capacidades foi insuflada numas poucas formas, ou talvez numa única e que enquanto este planeta continua a girar obedecendo à lei da gravidade as formas mais belas, mais maravilhosas evoluíram a partir de um início tão simples e ainda prosseguem hoje em dia neste desenvolvimento.*” Já na 5ª, ou na 6ª edição: “...*foi insuflada pelo Criador...*”. Essa e outras modificações são bastante significativas e informativas sobre o estado de espírito de Darwin. Quem sabe, preocupado com a repercussão de *A origem* na Inglaterra vitoriana, Darwin não quis repetir o destino de Protágoras (c. 492 a.C.-c.422 a.C), pensador grego expulso de Atenas por questionar a existência dos deuses. ■